

# A Universidade e o ideal europeu

---

Notas manuscritas

Queime das Pileas

Fundação Cuidar o Futuro

---

Coimbra, Junho 1988

Fundação Cuidar o Futuro



## QUEIMA DAS FITAS

COIMBRA, 1988

### A UNIVERSIDADE E O IDEAL EUROPEU

O que será o ideal europeu ?

Será um ideal ou uma projecção de uma necessidade histórica ?

Que tem a Universidade a dizer sobre esse ideal / necessidade histórica ?

#### 1. A europeização, exigência da modernidade

À afirmação, tantas vezes ouvida e repetida, de que : "a Europa exige a modernização" <sup>Fundação Cuidar o Futuro</sup> contraponho a afirmação inversa : "a modernidade exige a Europa".

Isto é, olhada no seu movimento histórico, a europeização, como dimensão do espaço europeu, acontece no nosso tempo porque é uma exigência da modernidade.

O espaço europeu é a exigência da modernidade nos saberes e nos instrumentos científicos e nas transformações societais :

- a irrupção da informática em todos os processos de produção de bens e de serviços; criando novos modos de comunicação, de pensamento, de gestão; e pondo em novos termos a questão da linguagem;

- a interdisciplinarietà como única forma de entendermos a complexidade dos fenómenos e dos processos, fomentando o estudo da realidade nos sistemas que o constituem como parte de um universo aberto;

- a percepção do ambiente como realidade trans-nacional, unindo os povos, fazendo cair fronteiras;

- um outro sentido do trabalho a ganhar forma e nascendo do <sup>impasse</sup> do desemprego.



O espaço europeu é uma exigência da modernidade revelada nos equilíbrios geo-políticos e nos novos termos da solidariedade entre povos e continentes :

- a) Os Estados Unidos da América e o Japão a deixarem longe a tecnologia europeia;
- b) a União Soviética a abandonar a sua tendência expansionista e a concentrar-se no seu próprio desenvolvimento;
- c) os novos países industrializados a tornarem-se polos de desenvolvimento e de comércio internacional, capazes de competirem, em muitos domínios, com os países europeus tomados isoladamente;
- d) a interdependência entre o Norte e o Sul, experimentada como uma necessidade de equacionar globalmente todos os problemas;
- e) a irrupção de uma consciência planetária em movimentos organizados, a traduzir-se numa nova perspectiva do relacionamento entre os povos.

São esses dados da modernidade que tornam a Europa um imperativo. O preço da não-Europa é o do estrangulamento da modernização, é o da esterilidade do seu relacionamento externo, é, a prazo, a implosão social, económica e política de cada um dos Estados europeus.

Neste contexto, é inadequado falar em opção europeia. A opção é a da contemporaneidade. Porque somos deste tempo, vivemos as exigências da modernidade nas suas vertentes socio-económicas e científico-culturais. Porque somos deste tempo, a universalidade dos nossos laços e da nossa solidariedade implica a construção da Europa.

Um primeiro caminho se recorta nítido, desde já, para a Universidade :

- é na plena modernidade dos seus interesses, dos seus domínios de trabalho e investigação, da sua inserção nos movimentos da sociedade, que a Universidade se articula com a realidade Europa;

- é no reforço da sua universalidade intrínseca que a Universidade pode abarcar, sem se diminuir, a dimensão europeia.

Talvez se possa dizer que, entre as instituições sociais, a Universidade incarna as exigências da Europa, pela sua modernidade, pela sua universalidade.

2. A Europa, exigência de pensar a outra escala

(Esta Europa de que falamos está ainda na sua fase embrionária. A par dos doze países que constituem a Comunidade Económica Europeia, temos fora da CEE os países escandinavos, os países neutros ou não-alinhados do continente. E está longe ainda da sua afirmação cultural a Europa do Atlântico aos Urais, aquela que contém em si a matriz mais completa da história e das culturas que fizeram a realidade europeia de hoje).

Não é justapondo políticas nacionais que é possível criar uma comunidade europeia. Muito menos a justaposição de simples factos sectoriais poderá ser a adequada tradução de um processo de integração (por exemplo, a PAC) : não há ainda comunidade europeia.

A integração exige um salto qualitativo : a capacidade, para um povo de 6, 10, 30 ou 50 milhões de habitantes, de passar a equacionar as suas relações, as suas necessidades e aspiração numa comunidade de 330 milhões (China !!).

Fundação Cuidado Futuro Trata-se de uma mudança de quadro espacial. Trata-se do ordenamento de cada sector de actividade em relação a esse novo espaço. Trata-se de entender as novas exigências postas por essa dimensão a todos os domínios da vida social, económica, cultural, de um país (e.g. dimensão das empresas de construção no momento em que se faz a harmonização dos produtos de construção; harmonização dos curricula escolares).

O alargamento do espaço em que equacionamos os problemas coloca questões novas : de localização de polos de desenvolvimento; de distribuição de zonas urbanas; de cobertura homogénea do espaço, pelos serviços básicos, necessária a todas as comunidades.

O espaço mais amplo, para não colidir com a soberania de cada povo, obriga a olhar de modo directo as exigências de uma sociedade multipolar. Com ela processa-se um descentramento da área do poder, dos locais de investigação, das zonas de criação cultural. As distâncias fomentam o estímulo mútuo e esbatem rivalidades próprias de espaços pequenos e, por isso mesmo, demasiado centralizados e hierarquizados.

Num grande espaço - e parece-me ter sido essa até agora a maior diferença entre as possibilidades dos EUA e as de cada um dos países europeus - tornam-se possíveis as aventuras do espírito que geram a acção criadora.

Mas como ? Está a cultura na sua vertente científica capaz de resposta ?

Neste espaço, é importante imaginar que os universitários - estudantes e professores - percorrem os caminhos da Europa, aprendem, pela experiência reflectida, o único saber que deixa sedimento cultural.

Por que não realizar desde já o que as Universidades americanas realizam há mais de 20 anos - dar créditos a 2/3 semestres em Universidades europeias ? Onde está a iniciativa para estabelecer convénios, para encontrar os voluntários que integrem os estudantes ? (Cf. Mme Wallace : depende exclusivamente das Universidades).

Como entidades autónomas, as Universidades podem criar as redes de inter-acção e de trabalho conjunto que tornem possível um curso universitário vivido com a Europa. A flexibilidade dos currícula é aí uma condição especial - mas se não fôr uma instituição que vive da cultura a ser flexível, quem o poderá ser ?

### 3. A Europa e a projecção no tempo - pensar o futuro

Esta outra escala espacial traz consigo necessariamente uma outra relação ao tempo. Numa das obras mais notáveis de Marguerite Yourcenar, encontramos Zénon, sábio e filósofo que incarna no início da Idade Moderna o humanismo europeu, impregnado a um tempo dos clássicos e das novas descobertas das ciências experimentais. Encontramo-lo no início do livro a caminho de Santiago de Compostela para o sabermos depois em Bruges, Bolonha, Lyon, Münster, Innsbrück...

E é num momento da sua deambulação europeia que Zénon diz : "Veio-me ao espírito uma ideia no decurso das minhas viagens : à força de percorrer os caminhos do espaço, à força de saber aqui que um acolá me esperava, quis, à minha maneira, aventurar-me nos caminhos do tempo. Quis colmatar o abismo que separa a predição categórica do prognóstico fluido, quis arriscar-me a pôr em conjunto a intuição e a previsão..."



Tal como ele, sabemos que não podemos mudar a escala no espaço sem a mudarmos também no tempo. Cruzar a rua, viajar entre Lisboa e Coimbra, trabalhar no que temos à mão, pode fazer-se apenas com o sentido do imediate. Mas para pensar a Europa é necessário rasgar os horizontes e perspectivar o futuro.

A escala do tempo é outra. Por exemplo : preparamos actualmente a IV Convenção de Lomé : entre 66 países de África, Caraíbas e Pacífico e a CEE. Fazê-lo é necessariamente empenhar o futuro, hierarquizar problemas e soluções, estabelecer prioridades.

Podem hoje as Universidades apresentar o seu plano a médio prazo? Quais são as suas axas prioritárias ? Que relações vão favorecer ?

(Universidade de Pittsburgh - séculos "Estruturas para as transformações globais")

Que lugar têm as Universidades na perspectiva para o futuro da sociedade em que vivem ? Qual é o seu contributo ? Não seria uma agenda possível para as Universidades a indicação aos decisores políticos da problemática europeia e as prioridades que, a partir dessa problemática, é necessário estabelecer ?

## Fundação Cuidar o Futuro

### 4. A urgência do acto cultural para a emergência da Europa

Nesse efeito espacial e temporal de escala, o saber e o pensamento são chamados a uma perspectiva diferente. Têm de alargar-se a um espaço outro e de aventurar-se pelo desconhecido do tempo. Dizer isto é o mesmo que dizer que a Europa só pode nascer de um acto cultural.

Se esse acto cultural se não der - quer na integração de cada Estado quer no comportamento de cada deputado ao PE ou de cada europeu - da Europa não restará senão uma imensa implosão social onde desaparecerão os mais fracos e menos afirmativos.

É pobre ainda a perspectiva cultural da CEE. São tímidos os passos (e limitado o orçamento) no sentido de analisar a importância económica das actividades culturais, de sistematizar as novas questões culturais que nascem das novas tecnologias, de determinar e estimular o papel motor da cultura numa Europa que se está fazendo.

Que identidade vai surgir nesta Europa ?

Que valores são comuns ? Que valores originais importa cultivar e fomentar ?

Qual a relação de cada cultura (pessoal e regional) a uma cultura europeia ? Todas as culturas têm valor idêntico.

As respostas a estas e outras perguntas constituirão o acto cultural que permitirá exorcisar os medos que atravessam os povos europeus e que foram claramente revelados na primeira volta das eleições presidenciais em França.

Porque só a cultura é capaz de garantir um espaço de envolvimento e não de exclusão (Imigrantes...).

Só a cultura permite equacionar sem sofismas os problemas da integração europeia.

À Universidade cabe em grande parte incarnar essa dimensão a um tempo crítica e profética da cultura.

(Aproveitamento do adquirido já em outras plataformas multilaterais: por exemplo : equivalência dos diplomas Unesco).

Fundação Cuidar o Futuro

##### 5. A cidadania cultural

No seu próprio seio, a CEE continua a dar passos concretos para a harmonização dos vários sectores produtivos para se realizar até ao fim de 1992 o Mercado Interno. Mas esse Mercado tornar-se-á um reforço da dependência das regiões mais pobres em relação às regiões mais ricas, levando à descaracterização de vastas zonas geográficas e culturais, se não fôr simultaneamente um encontro de culturas, no respeito mútuo e na plena afirmação da identidade de cada pessoa e de cada povo. Por isso é tão importante a Europa-dos-cidadãos.

A cidadania cultural europeia é o esteio que pode tornar viável a cidadania económica, sem que se diluam as identidades num menor denominador comum sem alma.

A cidadania cultural permite defender o tecido social próprio de cada país e de cada região.

É a condição prévia à coesão social do espaço europeu já que essa coesão só pode nascer da afirmação da igualdade entre todas as culturas, da mesma dignidade de todos os povos, antes e aquém dos seus níveis de riqueza ou de tecnologia.

O Mercado Interno (= Mercado Comum de 1957) começa a ser uma realidade. Mas desde quando é que um mercado foi um ideal ?

A ideia europeia está ainda por fazer.

Não é obra dos Estados, embora seja necessária a sua colaboração. Não é uma instituição, embora tenha de afirmar-se em esteios permanentes.

A ideia europeia é uma longa maturação cultural que pode nascer de todos nós que hoje constituímos o embrião da Europa.

(Os Estados Gerais da Europa em que se poderão eleger o Conselho e a Comissão).

#### 6. A Universidade como agente cultural da Europa

Que dizer mais da Universidade e do que esbocei aqui sobre as exigências culturais que estão na base da construção da CEE?

Na Europa medieval, as Universidades não conheciam fronteiras. Comunidades de intelectuais procuravam a verdade - e nessa procura que reunia mestres e discípulos em situação nómada, "a formação" dos estudantes era acessoriamente um objectivo.

Com a consolidação do Estado-Nação em toda a Europa, as Universidades "recolhem" às fronteiras nacionais. Dá-se gradualmente uma profunda transformação : as Universidades tornam-se o topo do sistema de ensino em cada país.

De instituições sem fronteiras, vivendo na "espiral das viagens" e unidas pela mesma busca intelectual, as Universidades tornaram-se introvertidas, prisioneiras de sistemas cada vez mais diferenciados.

Por isso, hoje, falar de Universidade e de Europa exige, para além das formas institucionais de troca e "livre circulação", que seja assumida a dimensão cultural.

Trata-se de pensar a Europa, tentando encontrar respostas que, a montante das instituições, lhes dêem o fôlego cultural e científico de que precisam.

Trata-se de pensar à escala do espaço/tempo europeu : são processos horizontais abatendo de novo as fronteiras, onde se possa dar a convergência dos saberes, onde os perfís de conhecimento e formação sejam cada vez mais comparáveis, onde a livre circulação de homens e mulheres no vigor da vida adulta possa conduzir à criação de bases para a plena equivalência do emprego no espaço europeu.



É óbvio então que "a formação para o ideal europeu" não é, em primeiro lugar, a formação para os mecanismos europeus nem para o preenchimento da meia dúzia de empregos, disponíveis nas instituições da Comunidade.

É de outra coisa que se trata :

- é a formação

para a diversidade das culturas;

para a mobilidade geográfica;

para as migrações ocupacionais;

(para a convicção de que a vida terá ocupações diversas em lugares diferentes do espaço europeu;)

para um outro conhecimento e entendimento da história;

para uma selectividade nas tecnologias;

para o entendimento do mistério da linguagem;

para uma solidariedade acrescida com o resto do mundo.

Num estudo que tem vindo a ser realizado pela Universidade das Nações Unidas sobre o "ser europeu", damos tanta importância à realidade empírica, indiscutível e objectiva, de se nascer europeu, como à redescoberta subjectiva do que isso significa.

Fundação Cuidar o Futuro  
Quando tivermos percebido que não estivemos só em Aljubarrota mas também em Austerlitz e Waterloo, que não só dobrámos o Cabo das Tormentas como estivemos embarcados nas naus de Colombo, que não só construimos um reino d'aquém e d'além mar em África como fomos parte do império austro-húngaro, que não só nos revoltámos em 1640 como partilhámos as aventuras de Garibaldi, quando tudo isso que é a Europa na sua história viva fôr parte de nós, então sim estaremos a começar a viver o ideal europeu.

É essa a nossa tarefa : apropriar a história para construir o futuro caminhando num presente, em que o futuro se decide a cada passo.

\*\*\*\*\*